



OS SENTIDOS DO VERBO CHEGAR: UM ESTUDO PRELIMINAR DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Crenilda Rocha dos Santos*****
(UESB)

Valéria Viana Sousa++++++
(UESB)

RESUMO

Na presentepesquisa, temos por objetivo analisar, por meio de uma investigação sincrônica, as variações de uso do verbo *chegar* e o possível processo de gramaticalização pelo qual esse item vem passando no português contemporâneo do Brasil. Para tanto, inicialmente, realizaremos uma abordagem sobre as vertentes Formalista e Funcionalista da língua e, em seguida, focados na condição inata de variação e mudança linguística, apresentaremos um diálogo da Sociolinguística com o Funcionalismo norte americano, bem como com o processo de gramaticalização. Nesta pesquisa, utilizamos, para a realização da análise, entrevistas extraídas do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). Os resultados alcançados permitiram-nos concluir que o verbo *chegarem* sido utilizado com maior frequência como auxiliar e na fala das pessoas jovens (25 a 35 anos)

PALAVRAS-CHAVE: funcionalismo; gramaticalização; verbo *chegar*.

*Graduanda em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (crenildarochasantos@yahoo.com.br)

** Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo- CNPq (valerivianasousa@gmail.com)

1.O *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC) foram constituídos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq.

+++++



INTRODUÇÃO

Apoiados na proposta do Funcionalismo linguístico de vertente norte-americana, que prioriza o estudo da língua em seu ambiente de uso e explica os fenômenos linguísticos em sua complexidade: sintático, semântico e pragmático, propomo-nos, no presente trabalho, a investigar construções com o verbo chegar, sob a perspectiva do Processo de Gramaticalização.

O nosso objetivo principal foi o de constatar mediante uma investigação de natureza sincrônica, a ocorrência do processo de gramaticalização na fala dos pesquisados. Esse processo é caracterizado como um fenômeno no qual itens e construções lexicais, emergentes ou não, tornam-se gramaticais, ou itens e construções gramaticais tornam-se mais gramaticais.

Para a realização desse estudo, utilizamos como corpora amostras de falas do português popular e do português culto de Vitória da Conquista. Tais corpora estão estratificados a partir das variáveis faixa etária e nível de escolaridade. Mas, nesse recorte da pesquisa, priorizamos apenas a variável faixa etária. Selecionamos as entrevistas de oito informantes, sendo dois, em cada *corpus*, da faixa etária II e dois da faixa etária III.

Os resultados obtidos inferem que o processo de gramaticalização do verbo chegar ocorre mais na fala das pessoas mais jovens e que o verbo *chegar* tem sido um verbo bastante produtivo na Língua Portuguesa com uma considerável extensão de uso.

CORRENTES FORMALISTA E FUNCIONALISTA

Nessa seção, de forma bastante sucinta, realizamos uma abordagem sobre as correntes formalista e funcionalista da língua e, realizada essa abordagem, direcionamos a nossa preferência com relação à perspectiva a ser seguida na presente pesquisa.



Podemos, fundamentados em Cunha ; Oliveira e Martelotta (2003), afirmar que , para melhor agrupar as correntes linguísticas, foram sistematizadas duas grandes correntes de pensamento linguístico.

Umadessas correntes é o Formalismo. O formalismo é uma perspectiva linguística, na qual a língua é admitida como um sistema estruturado de signos abstratos e autônomos. Isto é, os linguistas adeptos à essa visão compreendem que é possível explicar os fenômenos linguísticos , focalizando apenas, em seus estudos, os aspectos estruturais que compõem uma língua, independente do seu uso que dela façam os seus falantes. Serão, assim, estudados, nessa perspectiva, os constituintes, as relações entre eles, compreendendo esses elementos como parte de um sistema de signos internamente estruturados.

A língua nesta corrente não precisa necessariamente de um contexto ou, em outras palavras, estar associada a elementos e fatos não linguísticos, pois será observada como uma unidade em si, suficiente à realização de um estudo linguístico.

A outra corrente é o Funcionalismo. Na corrente Funcionalista, por sua vez, ao contrário do proposto pela corrente formalista, os funcionalistas concebem a língua com um instrumento de interação social. Ou seja, a língua, nesta corrente, não é mais considerada como um objeto autônomo, mas sim, como algo dependente do ambiente, o qual ocorre o seu uso. Vista por esse ângulo, a preocupação dos pesquisadores funcionalistas é a de explicar a língua como um sistema “aberto” com várias possibilidades de uso, ou seja, as várias maneiras de interação social nos diferentes ambientes. Dessa forma, a sua função de uma determinada estrutura linguística será estudada e/ou compreendida a partir de seu uso em um ambiente interativo.

Segundo essa corrente, as atividades discursivas, que estão associadas aos contextos sociais em que os indivíduos estão inseridos, é que determinam e condicionam as opções linguísticas dos falantes. Uma peculiaridade dessa corrente linguística é que as variações não são ignoradas, mas sim valorizadas e é, através da pragmática, que se dá a organização do texto ou do enunciado como afirma Votre e Naro (1989). Para Votre e



Naro (1989, p.170), “é do uso da língua- a comunicação na situação social- (que) origina-se a forma da língua.”(p. 170) e completamentam, afirmando que “ a forma é derivada do uso e a forma só pode ser explicada levando-se em conta(...) a comunicação”.

Para concluir, temporariamente a discussão, trazemos Nascimento (1990, p. 87-88 apud Naro,1989) que argumenta: “[para]Votre e Naro‘os formalistas e funcionalistas de fato estudam fenômenos diferentes, mas fenômenos que envolvem o mesmo objeto’. Diante do exposto, ainda que reconhecendo a importância das duas correntes linguísticas e as suas peculiaridades , na presente pesquisa, optamos pelo viés da corrente funcionalista por esta atender melhor a descrição e análise que nos propomos a fazer sobre o verbo *chegar*.

Na próxima seção, abordaremos as teorias Sociolinguística e Funcionalismo por entendermos que se tratam de abordagens de suma importância para o entendimento da nossa proposta de pesquisa.

SOCIOLINGUÍSTICA E FUNCIONALISMO

Abriremos a seção “Sociolinguística” com uma pergunta: Como e para que surgiu a Sociolinguística? Sabemos que o homem não é um ser estático e que está susceptível a mudanças evolutivas. Uma vez que o ser humano evolui, há mudanças também no ato comunicacional e isso não se dá de forma isolada uma vez que o ser está em constante diálogo interativo com o outro. E, para darmos continuidade à discussão, trazemos mais uma pergunta: Mas e de onde vem esse outro, de onde ele é?

Estamos em contato com pessoas que, muitas vezes, ainda que falem a mesma língua, não formam um grupo homogêneo. Esse fato se dá em todas as partes do planeta e as explicações para tal fato são diversas, mas, no momento, atentaremos em abordar aqui alguns traços de tal variação no Brasil. Aqui, sabemos que a variação é um fato inquestionável pela simples razão de o Brasil ser formado por uma camada mista tanto



no que diz respeito ao nível etnológico quanto a formação socioeconômica, intelectual e cultural.

Em uma comunidade de falantes, podemos constatar diferenças no nível da fala quando se trata de idade, sexo, grau de escolaridade, conhecimento de mundo, receptividade a bens culturais os quais são conhecidos como tesouro simbólico etc. Enfim, todos esses fatores podem operar como motivadores a uma variação na língua. A percepção de tais mudanças nas falas das comunidades fez surgir a necessidade de uma ciência que desse conta de investigar, estudar e analisar de forma estruturada esses acontecimentos perceptíveis na língua.

Inicialmente estudiosos, de várias áreas se interessaram pelo estudo da língua, assim como antropólogos biólogos etc. F. Boas. (1911) e estes que o seguiram Edward Sapir (1921) e Benjamim L Whorff (1941). Esses estudiosos contribuíram de forma valorosa para a linguística ao conceber a cultura e a sociedade como inerentes à língua. E, com esse tom de interdisciplinaridade, surge a Sociolinguística.

Nas palavras de Alkmin (2001, p.28), “a sociolinguística surgiu em um congresso, (...) fixou campo no momento em que William Bright organizou e publicou, em 1966 os trabalhos apresentados no referido congresso sob o título sociolinguistics, em que, define e caracteriza a nova área de estudo”. Bright, desde então, em conjunto com os vinte e cinco pesquisadores que estavam no Congresso organizado por ele na UCLA (University of California/Los Angeles), tomou, como objeto de estudo da sociolinguística, a diversidade linguística”.

O “patrono” dos estudos sociolinguísticos foi Labov com suas pesquisas etnográficas, a qual segundo Alkmin (2001, p. 30) “sua pesquisa sobre estratificação social do inglês em New York teve um grande impacto na linguística contemporânea.” Porém, não podemos esquecer que ele fundamentou seu trabalho em pesquisadores que o antecederam. Em síntese, coube à Sociolinguística, diferentemente das correntes linguísticas que a precederam, reunir pesquisadores interessados em versar sobre os fenômenos que envolviam a heterogeneidade linguística e, dessa forma, impulsionar o



desenvolvimento de estudos em uma perspectiva funcionalista, conforme mencionamos na Seção II.

Foram desenvolvidas, nessa corrente linguística, pesquisas voltadas para as massas de falantes das diversas camadas socioculturais. Com isso houve, um grande impacto no campo educacional uma vez que tais pesquisas trariam à tona a necessidade de se observar a presença de preconceitos linguísticos em determinados ambientes. Diante disso, frisaremos com base, mais uma vez, em Alkmim (2001, p.31) que:

o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKMIM, 2001, p.31).

Assim, nas pesquisas sociolinguísticas, são observadas variedades que ocorrem de maneira ordenada de natureza fonético-fonológicas, morfossintáticas, discursivas, realizadas por um grupo de falantes, orientados por regras gramaticais da comunidade da qual fazem parte, ainda que tais regras não estejam prescritas pela tradição gramatical. Fato que não é compreendido nessa corrente linguística como um problema ou mera casualidade. Nas palavras de Alkimin (2001),

língua e variação são inseparáveis: a sociolinguística encara a diversidade linguística(...) como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. (ALKMIM, 2001, p.33)

Lembrando que a sociolinguística frisa a relação da língua com o seu usuário, mas não nega a importância da natureza estrutural da língua e, apenas, não faz dela o centro exclusivo das atenções, ficaremos por aqui com a questão da variação sob a perspectiva Sociolinguística e apresentaremos, a partir de agora, uma discussão sobre



outra corrente linguística que posiciona-se favorável à variação e à mudança linguística, o Funcionalismo.

O Funcionalismo, historicamente, tem suas raízes no Círculo Linguístico de Praga que, conforme apresenta Sousa (2008, p.72), já apresentava ao lado do Estruturalismo uma visão diferenciada a respeito do fenômeno de mudança linguística.

já na década de 20, ainda que [a teoria funcionalista] fosse sombreada pelo estruturalismo e por estudos voltados às questões da função da linguagem, desponta inquietações acerca da mudança no sistema linguístico. (SOUSA, 2008, p.72)

No entanto, o Funcionalismo ressurgiu no século XX, na década de 70, não mais voltado às funções da linguagem no eixo comunicativo, mas com uma perspectiva de estudo voltada ao item linguístico e as múltiplas funções que o item ocupa na estrutura discursiva. Nessa teoria, ainda segundo Sousa (2008)

As estruturas linguísticas não são autônomas. Estão imbricadas às circunstâncias discursivas e entrelaçadas aos aspectos cognitivos da produção, onde se encontram envolvidas a informação pragmática do falante (crenças, valores, práticas sociais) e a informação pragmática do destinatário (práticas sociais). (SOUSA, 2008, p.74)

Ao “ressurgir”, o Funcionalismo traz consigo o viés da Gramaticalização. Este processo, para Meillet (1965, p.131), é um processo no qual há uma “atribuição de um caráter gramatical a um termo ou palavra anteriormente autônomo.” Para Ferreira, apud Heine e Reh 1984 (apud FERREIRA, p.3), a “gramaticalização é uma evolução na qual as unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em substância fonética.” Já Hopper e Traugott (1993) *ibidem*. “Definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.



Como podemos perceber , através do Processo de Gramaticalização, não há uma violação das regras do sistema linguístico, , mas, uma vez empregado o “ novo” uso do item linguístico faz-se necessário o seu reconhecimento como uma possível categoriagramatical emergente ou trazendo um possível novo e/ou ampliado valor semântico. Diante disso Castilho(1997) coloca que:

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática(=Recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa. (CASTILHO,1997,p.31)

Enfim,a capacidade criativa do ser humano, a necessidade de uma maior expressividade e o processo de recursividade que o português brasileiro nos oferece faz com que o signo seja explorado em suas várias possibilidades. Isto é,podemos apropriar do uso de um item para demonstrar várias outras coisas que , por vezes, afastam-se da noção inicial desse item.

Diante da plurissignificação do signo e do que desejamos enfocar na presente pesquisa,o mais sensato é que elejamos a corrente funcionalista para tratarmos desse assunto por ser essa corrente a que dá maior importância a pragmática, aceitando-a como um acontecimento amplo, na qual se deva estudar a semântica e a sintaxe.

Com relação à Gramaticalização, Sousa (2008, p.86-87) faz uma abordagem sobre os princípios de gramaticalização, tomando como referência Hopper, 1991. Para Hopper, apud Sousa (2008,86) há “cinco princípios básicos que desvelam a gramaticalização de um item relacionando aspectos sincrônicos e diacrônicos”. Tomaremos esses princípios como alicerce à nossa pesquisa. São eles: a estratificação, a divergência, a especialização, a persistência e a decategorização.

A estratificação, para Sousa (2008) compreende



[...] o momento no qual, dentro de um domínio funcional amplo, novos estratos estão continuamente emergindo. Ao emergir um novo estrato, os antigos não são necessariamente descartados, podendo pois, permanecer e coexistir com os mais recentes em uma mesma sincronia. (SOUSA, 2008, p.87)

Na perspectiva funcional, existe a possibilidade de um signo mudar de categoria gramatical sem abalar o significado do existente. Como exemplo, analisaremos três possibilidades de uso do verbo *chegar* com diferença categórica.

- (01) Eu cheguei de viagem hoje.
- (02) Maria chegou chegando, foi a mais cobiçada festa.
- (03) Também pudera estava usando aquele batom vermelho cheguei.

No princípio da estratificação, é possível se perceber a presença de soluções gramaticais distintas em um mesmo corte sincrônico. Nos exemplos supramencionados, o verbo *chegar* aparece em (01), funcionando como verbo pleno, com o sentido de “atingir o termo do movimento de ida ou vinda” (FERREIRA, 2009, p.454). No excerto de fala (02), overbo é desdobrado em uma expressão na qual ele ocupa a função de pleno e de auxiliar. Como pleno, veicular o sentido do exemplo (01) e, como auxiliar, de ocupar lugar, aparecer. No exemplo (03), o item *chegar* desloca-se da função de verbo e passa a ocupar a categoria de nome, como parte de um sintagma adjetival.

No princípio da Divergência, a forma lexical gramaticaliza-se, contudo a forma fonte original pode permanecer como um elemento autônomo e, enquanto tal, sofrer as mesmas mudanças a que estão submetidos os itens lexicais que integram sua classe. Assim, acontece com o *chegar*, que, aparece, na língua, inicialmente, como verbo e tem esse valor preservado e, também, como nome, adjetivando outros elementos. Assim, como ocorre nos exemplos (01) e (02), respectivamente.

O princípio da Especialização, nas palavras de Sousa (2008, p.87), é quando ocorre o “estreitamento das possibilidades para se codificar uma determinada categoria (redução de variantes) à medida que uma destas opções começa a ocupar mais espaço



pela sua condição de mais gramaticalizada. Uma consequência, indício, portanto, desta especialização, é o aumento na frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização e assim, há a tendência de uma forma tornar-se mais obrigatória, já que a escolha e uso da outra forma diminuam.”Para esse princípio, temos o exemplo do uso do verbo chegar, em que o mesmo, principalmente na fala, perde lugar de verbo pleno e começa a assumir o lugar de verbo auxiliar, como em: *Mas ela chegou a se tratar e tudo?* Construção que, na contemporaneidade, vem se tornando recorrente. É comum ouvirmos, na língua em uso, “chegar a +V” como sinônimo de “ir a ponto de” (FERREIRA, 2009, 454).

O princípio da Persistência, por sua vez, que diz respeito à manutenção de traços semânticos da forma fonte, por parte da forma em processo de gramaticalização. Assim, ainda que a forma fonte gramaticalize-se em novas funções, a “nova” forma, continua a preservar traços de sentidos da forma primeira. Nos exemplos citados, o valor de “atingir certo lugar” está presente em todos, ainda que de uma maneira mais desbotada.

E, por fim, a decategorização, princípio que remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. Dessa forma, os itens linguísticos deslocam-se das categorias gramaticais a que pertencem e passam a pertencer a outras. Nos excertos das entrevistas utilizadas, observamos o *chegar* sendo usado do verbo pleno > verbo auxiliar > sintagma adjetival.

ANÁLISE DE DADOS

Neste momento, com o propósito de analisarmos o processo de gramaticalização do verbo *chegar*, selecionamos o referido item no *Corpus* do Português Culto e do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista. Nesses *corpora*, identificamos excertos de fala que continham o item *chegarem* falantes da faixa etária II e da faixa etária III.



Para analisarmos o objeto em discussão, tomamos como suporte de definição teórica do item, o uso de três dicionários diferentes. O dicionário de Língua Portuguesa de Caldas Aulete, o qual traz uma definição bastante limitada do verbo e o Dicionário da Língua Portuguesa de Michaelis, o qual traz uma visão diferente do verbo *chegar*, porém ainda não é satisfatória.

Enquanto os dois dicionários mencionados trazem uma visão restrita do significado do verbo *chegar*, o dicionário Priberam tem uma definição mais complexa para esse verbo. Ou seja, o dicionário traz as diversas possibilidades de uso desse verbo, logo, esse dicionário infere que a definição do verbo deve ser encontrada em seu contexto de uso. Isso se confirma no momento em que esse verbo é classificado, como veremos a seguir.

De acordo com o dicionário de Caldas Aulete, o verbo *chegar* significa:

- Acepção 1: Chegar: reprimenda, repreensão. Indica que se atingiu um limite de quantidade.
- Acepção 2: Chegar: não precisa mais não é possível mais.

Já no dicionário da Língua Portuguesa de Michaelis, há uma visão diferente do verbo *chegar*. Segundo Michaelis:

-
- Acepção 1: Fomenta censura, crítica, reprimenda.
- Acepção 2: Diante intimação judicial por causa de dívidas.
- Acepção 3: Interjeição. Basta!

Priberam tem uma definição mais complexa para esse verbo :

Chega: s.f. interj., 3ª pes. Sing. Presente indicativo de chegar. 2ª pes. Sing. imp. de chegar.

- Acepção 1: Chega: informal, repreensão, censura descompostura,



ex. chega! Você já chega com seu escândalo.

→ Acepção 2: Combates de bois.

→ Acepção 3: Citação para juízes

No primeiro momento, no dicionário de Priberam, são apresentados os mesmos conceitos que os demais dicionários. Contudo, depois das definições iniciais, as explicações se estendem e, nesse sentido, há um esforço para dá conta de explicar a semântica do verbo, ou seja, as várias possibilidades de uso do verbo chegar no contexto ao qual se encontrar inserido.

Além desses exemplos, o citado dicionário classifica *chegar* como verbo intransitivo de origem duvidosa. Com essa definição, podemos atribuir os possíveis valores de uso:

- (1) Chegar como o verbo vir. Ex.: *Quando ele chega.* = *quando ele vem.*
- (2) Chegar como dar entrada em. Ex.: *Vamos chegar comadre.* = *vamos entrar comadre.*
- (3) Chegar como atingir, alcançar. Ex.: *O livro tá longe minha mão não chega até lá.*
- (4) Chegar como durar até. Ex.: *Se você continuar sem comer não vai chegar até o ano que vem.*
- (5) Chegar como ir. Ex.: *Vou dá uma chegadinha.* = *já estou indo embora.*
- (6) Chegar como prolongar-se. Ex.: *vamos chegar á frente.* *Vamos entrar, fique um pouco mais.*
- (7) Chegar como ir ter. Ex.: *pode deixar que eu vou chegar até ele.* *Vou ter uma conversa com ele.*
- (8) Chegar como possibilidade de ir. Ex.: *Vou a Salvador talvez eu chego até Aracaju*
- (9) Chegar como tocar. Ex.: *Minha mão não chega até lá* = *minha mão não toca.*
- (10) Chegar como aproximar-se. Ex.: *Chega ai amigo vamos papear.*

- (11) Chegar como ascender. *Ex.: Se continuares assim não vai chegar ao cargo de gerente.*
- (12) Chegar como bastar. *Ex.: Chega de barulho por hoje!*
- (13) Chegar como ir até o ponto de. *Ex.: Talvez eu chego até o fim.*
- (14) Chegar como subir até. *Ex.: se não chover eu chego ao topo da montanha.*
- (15) Chegar como conseguir ser bastante alto. *Ex.: Eu não chego a ser da sua altura.*
- (16) Chegar como atingir alguma coisa estendendo o braço ou ficando nas pontas dos pés.
- (17) Chegar com valor semântico dos sentidos: visão audição etc. *Ex.: Chegar á. Com a vista, com a voz o ouvido = atingir. O som não chega aí. A imagem não chegou até mim. Sua voz é baixa não chega até lá. O cheiro não chega até mim.*
- (18) Chegar como obter o que é difícil conseguir. *Ex.: Com fé e insistência você chega lá.*
- (19) Chegar com o sentido de regresso. *Ex.: Foram ao hospital e ainda não chegaram (regressaram)*
- (20) Chegar com o sentido de acontecer, ocorrer, dar-se. *Ex.: A fama e o sucesso chegaram tarde.*

Ainda, como Verbo copulativo aparecer, surgir, como em: A caixa chegou aberta = veio. Ou como verbo pronominal, sendo usado para expressar necessidades fisiológica. *Ex.: Estava andando quando chegou-me de vez a vontade.* Ou com valores curiosos como,

Acabar. Graças! Cheguei no fim do livro.

Acessível. Por aqui eu chego na rio Bahia.

Próximo. Ela é minha chegada.



Ação. *Não gosto quando você chega gritando comigo.*

Como adjetivo: *Ela tá usando um vestido vermelho cheguei.*

Ou como advérbio de modo: *Ela chegou chegando.*

Além de todos esses exemplos, temos o verbo chegar sendo usado como verbo auxiliar de infinitivo. *Isso chega a ser patético.*

Diante do que foi apresentado, a partir da pesquisa realizada nos dicionários acima citados, podemos assegurar que o verbo *chegar* tem como sentido prototípico na Língua Portuguesa o valor de “verbo vir”, e o funcionamento como verbo pleno. Ainda que esse tenha sido o sentido apresentado nos compêndios analisados, não obstante a esse uso continuar na língua, temos, ainda, o sentido do verbo chegar ocupando várias outras funções e valores conforme expostos.

Analisando as ocorrências do verbo chegar nos *corpora*, selecionamos 11 categorizações mais recorrentes. Vejamos:

- (a) DOC: Mas ela *chegou* a se tratar e tudo?
- (b) DOC: E você *chegô* a estudá e a trabalhá ao mesmo tempo?
- (c) DOC: Você *chegô* a casá na igreja?
- (d) DOC: A senhora *chegô* a decorá a tabuada?

No exemplo (a), (b) e (c), o verbo *chegar* apresenta característica de auxiliar, sendo usado em uma construção bastante recorrente na Língua Portuguesa, *chegou a + verbo principal* com o valor de atingir/alcançar uma meta.

- (e) INF: *Chegô, tatô... tatô*, mas só que ela *quandfoi* cuidar *játavamuitvéi*.

No exemplo (e), o verbo *chegare* está na condição de pleno e com o sentido de obter, ou fazer, ela obteve tratamento, embora, o resultado não tenha sido satisfatório.

(f) *INF*: {risos} {ININT} não o momento que mais marcô foi {risos} que a gente... a gente chegô de madrugada... morrendo de fome [quatro horas] {risos} quatro horas da

(g) *Aí* chegô lá ele: Maria Maria.

(h) tem três anos que eu cheguei pra'qui... quando eu casei eu morava aqui, eu morei aqui pôco tempo, depois a gente foi pra

Nesses casos, (f) , (g) e (h), o verbo *chegar*, na condição de pleno, tem função de regresso, quando retornamos para casa.

(i) *Aí* quando foi um dia elachegô pra mim e falou assim: “Oh Solange, não dá pra mimficá com ele,

Também, na condição de pleno, overbo toma lugar deter, como se a informante dissesse “ ela teve comigo e falou determinada coisa”

(j) não faço mais na::da na vida não quero fazer mais não que eu não gento não guento fazer mais nada e é só até ai chego não quero mais

O verbo, aqui, tem um sentido de interjeição: “basta!”

(l) *INF*: Eu assisto... *num* sô muito chegada a novela não, sabe?

Nesse último exemplo, o verbo está bastante distanciadodo seu sentido original, o que no Funcionalismo/Gramaticalização, é entendido com desbotamento semântico. Possivelmente, entre os usos analisados em nossa amostra, esse termo “Chegada ” seja o termo que esteja em um nível mais avançado de gramaticalização.

CONCLUSÕES

Este trabalho, ainda inicial, investigou as diferentes possibilidades de uso do verbo *chegar* na língua falada, em uma amostra restrita, com o propósito de verificar se ocorre desvio semântico e se está ocorrendo processo de gramaticalização desse verbo.



A análise dos dados revelou que o verbo *chegar* não foi tão utilizado com ampliação de sentido na faixa etária III. Já a faixa etária dos adultos, faixa etária II, a utilização do *chegar* foi muito produtiva.. Quanto ao processo de categorização, o verbo *chegar* vem sendo utilizado com valor de adjetivo, assim como é utilizado em lugar de outro verbo e, principalmente, como verbo auxiliar. É válido ressaltar uma curiosidade: na análise dos dados, uma entrevistadora que tem nível superior usou bastante o verbo *chegar* na posição de auxiliar acompanhado de infinitivo e isso, talvez, tenha influenciado um dos entrevistados, pois, nessa entrevista pode-se observar maior ocorrência do verbo *chegar* como resposta às perguntas iniciadas com o mesmo verbo.

Diante da análise dos dados fica inferido que há uma tendência do verbo *chegar* fortalecer como verbo auxiliar e uma notória extensão de sentido para além da ideia de vir, sentido prototípico desse verbo.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. In: **Revista de estudos lingüísticos e literários**. Salvador: UFBA, 25-64. 1997.
- CUNHA, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 2.ed.
- MEILLET, A. **Linguistique historique e tinguistique générale**. Paris :LibrairieAncienne Honoré Champion, 1965.
- PENA-FERREIRA, E. (orgs.) **O processo de gramaticalização: um estudo do item chegar**. Santarém <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/post/06.pdf>
- SOUSA, V. V. **Os (Des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você**. 2008. 184 f. Tese (doutorado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2008.
- TERSARIOL, Alpheu. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: EDELBRA, 1996. 2.ed.
- VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: **D. E. L. T. A**, v. 5, n. 2, p.169;184, 1989.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Ximens, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da língua portuguesa** São Paulo:
Ediouro, 2000. 2.ed.